

AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DAS ESCOLAS RURAIS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL: REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

HELENISE SANGOI ANTUNES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA).

Resumo

Este estudo foi elaborado com o objetivo de conhecer os processos formativos e as lembranças escolares das alfabetizadoras das escolas rurais sobre a alfabetização. Neste sentido, fundamentou-se esta investigação nos estudos sobre a alfabetização e a história da alfabetização em Frade (2007); Frade; Maciel(2006), Mortatti(2000, 2000^a, 2006), Peres(2007), Peres; Tambara(2003), Trindade (2007), sobre escolas rurais em Amiguinho(2008), Canário (2008) e Caldart(2000). Além disso, sobre a memória docente em Bergson(1999), Bosi(1999), Le Goff(1996), Mignott(2000) que estão contribuindo para as reflexões propostas nesta investigação. Este estudo está fundamentado numa metodologia qualitativa baseada nos estudos de Bogdan; Biklen (1994) e foi implementado por meio de entrevistas semi-estruturadas, de relatos autobiográficos e de registros em diário de campo com treze alfabetizadoras das escolas rurais do interior do Rio Grande do Sul. Das professoras participantes da pesquisa, dez (10) possuem curso de pós-graduação, principalmente especialização em alfabetização, e o tempo de exercício profissional, enquanto alfabetizadoras das escolas rurais, está compreendido entre vinte e dois (22) e vinte e seis (26) anos de exercício profissional. Sendo assim, buscou-se estabelecer um diálogo com os participantes da pesquisa, penetrando na dimensão simbólica de suas falas e escritas autobiográficas. Nesse processo, o sujeito entrevistado configura-se como um ser humano convidado a contar sobre suas histórias de vida acerca das memórias de como aprenderam a ler e a escrever e, após tornarem-se professoras, como alfabetizam os seus alunos. Neste sentido, dentre os resultados alcançados está a aproximação de uma parte da história da alfabetização que se encontrava presente nas recordações das alfabetizadoras de 13 (treze) escolas rurais no interior do Rio Grande do Sul/RS.

Palavras-chave:

História da Alfabetização, Alfabetização, Memória.

Introdução

A escola produz, nas histórias de vida das alfabetizadoras, significados sobre o processo de construção da leitura e da escrita, bem como lembranças da maneira como as primeiras professoras ensinaram a ler e a escrever, das relações estabelecidas entre professor (a) e aluno (a) e também da relação do eu com o outro. São memórias que atravessam o tempo e acompanham o fazer docente, possibilitando ao professor refletir sobre elas.

Este estudo foi elaborado com o objetivo de conhecer as lembranças escolares das alfabetizadoras das escolas rurais sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização. Esta pesquisa fundamenta-se nos estudos sobre a história da alfabetização de Frade (2007); Frade; Maciel (2006), Mortatti (2000, 2000a, 2006), Peres (2007), Peres; Tambara (2003), Trindade (2007) que estão contribuindo para as reflexões propostas nesta investigação. Este estudo está fundamentado numa metodologia qualitativa baseada dos estudos realizados por Bogdan; Biklen (1994) e realizaram-se por meio de entrevistas semi-estruturadas, relatos autobiográficos e registros em diário de campo com treze alfabetizadoras das escolas rurais do interior do Rio Grande do Sul. Das professoras participantes da pesquisa, dez (10) possuem curso

de pós-graduação, principalmente especialização em alfabetização e o tempo de exercício profissional enquanto alfabetizadoras das escolas rurais está compreendido entre vinte e dois (22) e vinte e seis (26) anos de exercício profissional.

Buscou-se estabelecer um diálogo com os participantes da pesquisa, penetrando na dimensão simbólica de suas falas e escritas autobiográficas. Nesse processo, o sujeito configura-se como um ser humano convidado a abrir, simbolicamente, os baús das suas histórias de vida sobre as memórias de como aprenderam a ler e a escrever e, após tornarem-se professores, como alfabetizaram os seus alunos. Mas, para que abrir esses baús? A busca não é só desta pesquisadora, é um processo coletivo que vai sendo desenvolvido conforme o tempo e o espaço permitem. Não existem imposições, existe respeito. Não existe pressa, apenas movimento, e assim, gradativamente, foi-se aproximando de uma parte da história da alfabetização que se encontrava presente nas recordações das alfabetizadoras de 13 (treze) escolas rurais no interior do Rio Grande do Sul.

2. Metodologia: uma aproximação com as colaboradoras da pesquisa

Na busca de ouvir as professoras alfabetizadoras, observa-se a presença constante de histórias relacionadas às lembranças da alfabetização, das cartilhas, dos processos de formação e da prática docente na alfabetização. Trata-se de memórias de um passado não tão distante, que por isso mesmo possuem a intensidade, o movimento, a emoção, a sutileza e a relação espaço/tempo reconstruídos no momento de cada lembrança escrita e/ou oralizada.

As autobiografias são percebidas como uma possibilidade de aproximação da memória docente, entendida como um elemento significativo do processo de reflexão do alfabetizador. Conforme aponta Catani (1998), "... pensa-se que as próprias práticas profissionais dos indivíduos enquanto docentes devem muito aos processos formadores que eles próprios experimentaram ao longo do seu desenvolvimento"(p. 29).

Outro procedimento de aproximação aos sujeitos foi a entrevista semi-estruturada, entendida, segundo Deslandes (1994), como aquela que articula a entrevista aberta, ou seja, a que permite ao informante falar livremente sobre o tema proposto.

Bogdan; Biklen (1994) apontam os méritos das entrevistas quando afirmam que "as boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e exemplos". As entrevistas com os professores da escola foram realizadas através do contato estabelecido com a Secretaria Municipal de Educação, que oportunizou a participação do grupo de pesquisadoras nas reuniões que a mesma fazia com as alfabetizadoras do rural. Nessa oportunidade, foi apresentado o projeto e foi feito o convite para todos os presentes participarem desta pesquisa. A partir deste contato, a pesquisa foi realizada com as professoras que se sentiram motivadas a participar.

Assim, a equipe do projeto, a partir do interesse demonstrado pelas alfabetizadoras, começou a adentrar no universo sócio-cultural das escolas municipais intituladas E. M. E. F. Santa Flora, E. M. E. F. Pedro Kunz, E. M. E. F. Major Tancredo Penna de Moraes, E. M. E. F. José Paim de Oliveira, E. M. E. F. João Hundertmarck, E. M. E. F. Intendente Manoel Ribas, E. M. E. F. Bernardino Fernandes, E. M. E. F. João da Maia Braga e E. M. E. F. Irineo Antolini.

Os momentos vivenciados durante esta pesquisa foram sistematizados nos registros do diário de campo dos pesquisadores envolvidos. A inclusão das informações registradas ao longo da pesquisa, através destes diários, fundamenta-se na contribuição teórica de Holly (1992), para quem tais registros escritos demonstraram elementos importantes para a realização da investigação.

A partir das informações coletadas com os instrumentos de investigação_ relatos autobiográficos, entrevistas e registros em diário de campo_ foram construídas as categorias de análise desta investigação, que se constituem em lembranças da alfabetização, das cartilhas, dos processos de formação e da prática docente na alfabetização.

As categorias acima mencionadas oportunizaram conhecer quais as cartilhas utilizadas nas escolas rurais e a sua relação com o processo de construção da leitura e escrita vivenciada por estas alfabetizadoras, durante suas infâncias e contato com a leitura e a escrita. Também, num sentido mais amplo, permitem a aproximação dos significados construídos em relação à profissão de professora alfabetizadora imersa em escolas rurais.

3. Memórias de alfabetizadoras sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização nas escolas rurais

Buscando instituir um novo sentido a essa realidade, estabeleceu-se um diálogo com os participantes da pesquisa no intuito de construir uma aproximação das suas histórias de vida. Nesse processo, as colaboradoras configuram-se como seres humanos convidados a recordar sobre suas lembranças de alfabetização, lembranças das cartilhas, dos processos de formação vivenciados e da prática docente na alfabetização.

Embasando-se nos estudos realizados pelo Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE), na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, pelo Centro de Documentação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), na Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais e pelo Projeto "Memória da Cartilha", na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pode-se observar a importância dos registros obtidos e sistematizados ao longo da existência destes Centros e o já referido projeto, principalmente para contribuir e construir a história da alfabetização, destacando-se os estudos sobre as cartilhas existentes ao longo da história.

A partir dos relatos autobiográficos sobre as lembranças da alfabetização e das cartilhas destacaram-se os seguintes relatos:

Muito acesso a livros, muita atividade em casa dada pela mãe. Já havia tido contato com livros antes, pois tenho mãe educadora, me lembro da bela decoração da sala de aula. Método abelhinha, utilizando silabação. (Prof^a. A - alfabetizadora).

As crianças ao chegarem na escola têm pouco ou nenhum conhecimento sobre a leitura e escrita. Trabalho com uma clientela com vulnerabilidade social. B+A= BA. Soletração. Através das famílias. (Prof^a. M - alfabetizadora).

Lembro muito pouco da 1^a série, só que a sala era repleta de cartazes, com figuras e com as sílabas iniciais de cada palavra. Aprendi pelo método silábico, hoje tenho consciência disso, mas não lembro nem da professora. A única série em que lembro das aulas e

da professora foi na 3ª série, a professora, a todo momento, nos desafiava com um jogo, uma gincana, um concurso, envolvendo os conteúdos, o prêmio era um lanche gostoso do bar. Ela era a responsável pela cantina da escola. Lembro da alegria em que fiquei no dia em que consegui escrever o maior número de palavras com o m antes do p e do b e ganhei o jogo. (Profª. C - alfabetizadora).

Minha entrada na escola foi muito fascinante; havia um interesse enorme em aprender a ler e a escrever, participava dos exercícios de coordenação motora como um recurso de preparação para escrita, iniciando a alfabetização através dos sons das letras, como apenas um caderno, um lápis e uma borracha. Através dos sons das letras, com atividades cansativas e desinteressantes (Profª. G - alfabetizadora).

Eu aprendi com a cartilha "Caminho Suave" onde tinha que saber os textos de cor e de um dia para o outro tinha que saber escrever as palavras listadas daquela página. Quem não soubesse não teria recreio no dia seguinte. Quando eu tirava notas baixas eu apanhava da mãe ou do pai. (Profª. D - alfabetizadora).

Com base nas entrevistas realizadas com seis professoras alfabetizadoras do município de Santa Maria pode-se constatar das lembranças escolares: doze respostas fizeram parte da análise da primeira categoria, onde constata-se que a maioria das lembranças escolares das alfabetizadoras foi positiva. (Profª. E - alfabetizadora).

Lembranças dos métodos: método abelhinha, utilizando silabação. Aprendi pelo método silábico. Soletração. B+ A= BA. Através das famílias repetíamos as famílias silábicas e as palavras. (Profª. De - alfabetizadora).

Eu aprendi com a cartilha "Caminho Suave" onde tinha que saber os textos de cor e de um dia para o outro tinha que saber escrever as palavras listadas daquela página. (Profª. G - alfabetizadora).

Nas narrativas das alfabetizadoras, elas se lembram dos métodos utilizados pelas professoras, uma contava com o auxílio da cartilha Caminho Suave. Para Frade (2007), não basta apenas ensinar a decifrar o sistema de escrita estabelecendo relações entre sons e letras. Também não é suficiente que os alunos leiam textos completos pertencentes a uma esfera escolar ou literária. É necessário que façam uso da escrita em situações sociais e que se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem.

Cabe lembrar que no final da década de 90, segundo Frade (2007), ocorreu alterações no que diz respeito à divulgação do conceito de letramento, esse que não somente das condições de saber ler e escrever, mas proporciona o cultivo das práticas sociais que fazem uso da escrita.

Notou-se a importância de conhecer o que cada professora lembra sobre si e o meio em que participou em seu processo de alfabetização. Na pesquisa, buscou-se conhecer a história de vida das professoras, o que por vezes pode dar sentido as suas práticas. Também é uma maneira de valorizar as experiências, construções e vivências das alfabetizadoras, além de possibilitar a reflexão em sua atuação e planejamentos.

Percebeu-se nas boas lembranças a presença de brincadeiras, músicas, figuras, pátio, sala decorada com objetos de auxílio ao aprendizado das crianças e nas lembranças não muito boas o relato de atividades cansativas e desinteressantes. Segundo Antunes (2007), o professor tem necessidade de compreender as significações sociais construídas sobre a sua profissão e a sua própria história de vida. A aproximação dos significados construídos em relação à profissão de professor alfabetizador permite conhecer o que eles pensam sobre escola, ensinar, aprender, cotidiano escolar e educação, bem como sobre os fatores que interferem ou não na valorização da profissão, incluindo-se também seus sonhos, medos e desejos.

São inúmeras as lembranças que necessitam ser conhecidas para que se possa, realmente, compreender o universo de formação no qual os professores estão inseridos e o sentido que ser professor no qual os professores assume no decorrer da carreira docente.

Em relação à categoria processos de formação, destacaram-se os estudos realizados por Cunha (1989), Marcelo (1998), Nóvoa (1992), pois apresentam contribuições significativas para compreender como ocorre a formação do professor. A partir das contribuições das colaboradoras da pesquisa observaram-se os seguintes relatos autobiográficos:

Por gostar de alfabetizar. No início da carreira trabalhei com a quarta série. Após assumi a direção de uma escola por seis meses e não quis mais saber desta função. Fui até a secretaria de educação e pedi uma turma de alfabetização não sendo atendida no momento. Enquanto aguardava fui convidada por uma colega para desenvolver o trabalho em alfabetização. A partir daí nunca mais deixei de alfabetizar. Alfabetizo a 27 anos. A compensação é grande quando se vê que o aluno está lendo e que vale a pena alfabetizar. A paciência e o amor são fundamentais. (Prof^a. C - alfabetizadora).

Na verdade, eu me tornei alfabetizadora por acaso, pois surgiu a oportunidade de trabalhar na escola, como substituição de uma professora que entraria em licença gestante. Fiquei um mês acompanhando as suas aulas e me familiarizando com a turma e acabei me apaixonando pela série de alfabetização. (Prof^a. L - alfabetizadora).

Não, mas desde o momento que comecei a trabalhar com a alfabetização, sempre procurei ler sobre o assunto, assistir palestras e seminários e buscar atividades que estimulassem a construção feita pelas crianças. (Prof^a. Da - alfabetizadora).

A partir dos relatos coletados e analisados percebeu-se que as colaboradoras da pesquisa, afirmam não existir semelhanças entre a forma como foram alfabetizadas e a maneira como alfabetizam, embora algumas não se lembram como suas professoras alfabetizavam, também ressaltam que aprenderam a alfabetizar em sala de aula, pois não realizaram estágios na área de alfabetização e não relacionam a prática de alfabetização a nenhum conhecimento prático sobre a alfabetização adquirido nas aulas da Universidade. Apenas uma diz ter realizado estágio na 1^o série e outra diz ter aprendido também na Universidade.

É possível perceber que a maioria das professoras relata que não se sentia preparada para assumir a função de alfabetizar, porém aceitaram o desafio por ser uma oportunidade de emprego. Esse sentimento de despreparo das professoras

alfabetizadoras está de acordo com suas formações acadêmicas, nos depoimentos não foi citado o ensino pela Universidade de questões básica para poder alfabetizar, como reflexões sobre formas de intervenções, métodos e suas especificidades, ou seja, não foi possível por em prática seus aprendizados teórico no momento em que precisaram alfabetizar, a solução encontrada foi buscar em livros, com outras professoras e na prática com os alunos.

Partindo das considerações acima, destacou-se a necessidade de aprofundar ainda mais esta investigação, no sentido de compreender ainda mais os processos formativos vivenciados por estas colaboradoras a partir dos estudos desenvolvidos por Nóvoa (1992).

A categoria prática docente na alfabetização foi construída a partir das narrativas das colaboradoras da pesquisa com o intuito delas sistematizarem suas experiências atuais sobre o processo de alfabetização vivenciado por elas com seus alunos, utilizando as cartilhas para a alfabetização. Neste sentido, os estudos propostos por Mortatti (2000) apontam para o fato de que muitas cartilhas foram produzidas por professores paulistas e que elas podem ser encontradas nas escolas municipais do interior do Rio Grande do Sul, conforme os estudos de Peres; Tambara (2003), Trindade (2004) e Frade; Maciel (2006).

Os estudos já referidos enfatizam a necessidade de se conhecer um pouco mais sobre a história da alfabetização a partir dos estudos sobre as cartilhas. No caso desta pesquisa, foi possível conhecer as que utilizadas nas escolas municipais rurais do interior do Rio Grande do Sul. Desta forma, quanto às cartilhas utilizadas, encontramos nas respostas um número de 10 professoras, entre as 13 entrevistadas, que utilizam ou utilizaram cartilhas como recurso para alfabetização. Uma professora não trabalha mais com alfabetização, uma diz que não utilizou, e outra não soube responder. As cartilhas citadas por elas foram Caminho Suave, Cartilha Quero-Quero (elaborada especificamente para a zona rural de Santa Maria), Cartilha João-de-Barro, Coleção Marcha criança, Porta Aberta, Pipoca, Método Lúdico de Alfabetização, Toca do Tatu, Alegria do Saber.

Urge a necessidade de continuar e aprofundar este estudo, pois a força das experiências vivenciadas durante anos de escolarização por estas alfabetizadoras nas escolas rurais passa ainda despercebida, na maioria das vezes, nos cursos de formação de professores, nas esferas do poder instituído. Contudo, as lembranças, as imagens e as atitudes que as professores efetivaram ao longo da escolarização são pontos que devem ser levados em conta quando se propõem os cursos de formação inicial e continuada para professores alfabetizadores.

Questões como estas devem ser feitas e refletidas: É possível ainda alfabetizar com cartilhas nas escolas rurais que utilizam o método misto? Cartilhas com o método fônico, alfabético e/ou silábico atendem às exigências das escolas do campo no interior do Rio Grande do Sul? Por que alfabetizadores, como algumas identificadas nesta pesquisa, mesmo tendo curso de especialização em alfabetização, utilizam as cartilhas para alfabetizar? E como estes educadores utilizam as cartilhas? São algumas das questões que se levantam com o intuito de se poder pensar sobre a situação da alfabetização neste país, principalmente pela urgência da sociedade começar a cobrar uma política mais coerente, mais recursos e ações concretas para atender às demandas do ensino rural, conforme as inquietações de Caldart (2000), Amiguiño (2008) e Canário (2008).

Uma primeira percepção do trabalho desenvolvido junto aos professores alfabetizadores das escolas rurais destaca que, quando as alfabetizadoras sentem a necessidade de fazer pedidos de cartilhas ao Ministério da Educação, quando estas

são remetidas, após várias solicitações, já estão ultrapassados ou não atendem às exigências da realidade na qual estão imersas. Mas elaboram-se as seguintes questões: Por que este apego às cartilhas? Que formação receberam que torna as alfabetizadoras tão atreladas às cartilhas? É possível trabalhar a partir do contexto sócio-cultural das crianças utilizando a cartilha para alfabetizar?

Garcia (2008) aponta elementos importantes para esta análise no sentido de alertar para a inexistência de uma formação articulada e coerente entre a teoria e prática, os descasos dos poderes instituídos e a inércia da sociedade brasileira frente à escola básica. Esses elementos podem ser percebidos quando se lança o olhar para os estudos de Frade; Maciel (2006) quanto à História da Alfabetização, em relação à produção e circulação de livros entre Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

É possível também, na análise das informações coletadas através das entrevistas e relatos autobiográficos, notar a influência das lembranças da forma como estas professoras foram alfabetizadas na maneira como elas ensinam. Desse modo, a escrita e o espaço de reflexão das autobiografias profissionais viabilizaram aos sujeitos refletir sobre suas trajetórias pessoais e profissionais do passado através das experiências construídas no momento atual.

REFERÊNCIAS

AMIGUINHO, Abílio. Escola em meio rural: uma escola portadora de futuro? In: **Revista do Centro de Educação. Dossiê: Educação no campo**.v.33.n.01,2008. p. 13-34.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 4ª ed. Porto: Porto, 1994.

CANÁRIO, Rui. Escola Rural: de objecto social a objecto de estudo. In: **Revista do Centro de Educação. Dossiê: Educação no Campo**. v.33, n.01, 2008, p.35-46.

CALDART, Roseli Salete. **A escola do campo em movimento**. Porto Alegre: 2000.

CATANI, Denice Barbara. Práticas de formação e ofício docente. In: BUENO, Belmira Oliveira; CATANI, Denice Bárbara; SOUZA, Cyntia Pereira de (Org.). **A vida e o ofício dos professores**: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998. p. 21-29.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 9ª ed. São Paulo: Papirus, 1999.

DESLANDES, Sueli Ferreira. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Izabel Pereira. (Org.) **História da Alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de Alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. In: **Revista do Centro de Educação. Dossiê: Alfabetização e Letramento**. v.32, n.01, 2007, p.21-40.

GARCIA, Regina Leite. Mais uma vez alfabetização. In: TRAVERSINI, Clarice [et al.]. (Org.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender**: práticas e didáticas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992. p.79-110.

MARCELO, Carlos. Pesquisa sobre formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Nº 9, set/out/nov/dez, 1998. p. 51-75.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da Alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Cartilhas de alfabetização e cultura escolar**: um pacto secular. Campinas: Cadernos Cedes, Ano XX, nº 52, 2000^a

_____. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. In: Conferência promovida no Seminário de Alfabetização e Letramento em Debate. Brasília, 2006.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: ____ (Org.). **Os professores e a profissão**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p.15-33.

PERES, Eliane. (Org.). **Memórias de Alfabetização**. Pelotas: Seiva, 2007.

PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar. (Orgs.). **Livros Escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (Séculos XIX e XX)**. Pelotas: Seiva,2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRINDADE, I. M. F. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas**: ser natural, nacional e mestra. Queres ler? Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DAS ESCOLAS RURAIS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL: REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

Prof^a. Dr^a. Helenise Sangoi Antunes- PPGE/UFSM

Instituição financiadora: Edital Universal CNPq/2008 - PIBIC/CNPq - BIC/FAPERGS

Introdução

A escola produz, nas histórias de vida das alfabetizadoras, significados sobre o processo de construção da leitura e da escrita, bem como lembranças da maneira como as primeiras professoras ensinaram a ler e a escrever, das relações estabelecidas entre professor (a) e aluno (a) e também da relação do eu com o outro. São memórias que atravessam o tempo e acompanham o fazer docente, possibilitando ao professor refletir sobre elas.

Este estudo foi elaborado com o objetivo de conhecer as lembranças escolares das alfabetizadoras das escolas rurais sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização. Esta pesquisa fundamenta-se nos estudos sobre a história da alfabetização de Frade (2007); Frade; Maciel (2006), Mortatti (2000, 2000^a, 2006), Peres (2007), Peres; Tambara (2003), Trindade (2007) que estão contribuindo para as reflexões propostas nesta investigação. Este estudo está fundamentado numa metodologia qualitativa baseada nos estudos realizados por Bogdan; Biklen (1994) e realizaram-se por meio de entrevistas semi-estruturadas, relatos autobiográficos e registros em diário de campo com treze alfabetizadoras das escolas rurais do interior do Rio Grande do Sul. Das professoras participantes da pesquisa, dez (10) possuem curso de pós-graduação, principalmente especialização em alfabetização e o tempo de exercício profissional enquanto alfabetizadoras das escolas rurais está compreendido entre vinte e dois (22) e vinte e seis (26) anos de exercício profissional.

Buscou-se estabelecer um diálogo com os participantes da pesquisa, penetrando na dimensão simbólica de suas falas e escritas autobiográficas. Nesse processo, o sujeito configura-se como um ser humano convidado a abrir, simbolicamente, os baús das suas histórias de vida sobre as memórias de como aprenderam a ler e a escrever e, após tornarem-se professores, como alfabetizaram os seus alunos. Mas, para que abrir esses baús? A busca não é só desta pesquisadora, é um processo coletivo que vai sendo desenvolvido conforme o tempo e o espaço permitem. Não existem imposições, existe respeito. Não existe pressa, apenas movimento, e assim, gradativamente, foi-se aproximando de uma parte da história da alfabetização que se encontrava presente nas recordações das alfabetizadoras de 13 (treze) escolas rurais no interior do Rio Grande do Sul.

2. Metodologia: uma aproximação com as colaboradoras da pesquisa

Na busca de ouvir as professoras alfabetizadoras, observa-se a presença constante de histórias relacionadas às lembranças da alfabetização, das cartilhas, dos processos de formação e da prática docente na alfabetização. Trata-se de memórias de um passado não tão distante, que por isso mesmo possuem a intensidade, o movimento, a emoção, a sutileza e a relação espaço/tempo reconstruídos no momento de cada lembrança escrita e/ou oralizada.

As autobiografias são percebidas como uma possibilidade de aproximação da memória docente, entendida como um elemento significativo do processo de reflexão do alfabetizador. Conforme aponta Catani (1998: 29), "... pensa-se que as próprias práticas profissionais dos indivíduos enquanto docentes devem muito aos processos formadores que eles próprios experimentaram ao longo do seu desenvolvimento".

Outro procedimento de aproximação aos sujeitos foi a entrevista semi-estruturada, entendida, segundo Deslandes (1994), como aquela que articula a entrevista aberta, ou seja, a que permite ao informante falar livremente sobre o tema proposto.

Bogdan; Biklen (1994) apontam os méritos das entrevistas quando afirmam que “as boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e exemplos”. As entrevistas com os professores da escola foram realizadas através do contato estabelecido com a Secretaria Municipal de Educação, que oportunizou a participação do grupo de pesquisadoras nas reuniões que a mesma fazia com as alfabetizadoras do rural. Nessa oportunidade, foi apresentado o projeto e foi feito o convite para todos os presentes participarem desta pesquisa. A partir deste contato, a pesquisa foi realizada com as professoras que se sentiram motivadas a participar.

Assim, a equipe do projeto, a partir do interesse demonstrado pelas alfabetizadoras, começou a adentrar no universo sócio-cultural das escolas municipais intituladas E. M. E. F. Santa Flora, E. M. E. F. Pedro Kunz, E. M. E. F. Major Tancredo Penna de Moraes, E. M. E. F. José Paim de Oliveira, E. M. E. F. João Hundertmarck, E. M. E. F. Intendente Manoel Ribas, E. M. E. F. Bernardino Fernandes, E. M. E. F. João da Maia Braga e E. M. E. F. Irineo Antolini.

Os momentos vivenciados durante esta pesquisa foram sistematizados nos registros do diário de campo dos pesquisadores envolvidos. A inclusão das informações registradas ao longo da pesquisa, através destes diários, fundamenta-se na contribuição teórica de Holly (1992), para quem tais registros escritos demonstraram elementos importantes para a realização da investigação.

A partir das informações coletadas com os instrumentos de investigação_ relatos autobiográficos, entrevistas e registros em diário de campo_ foram construídas as categorias de análise desta investigação, que se constituem em lembranças da alfabetização, das cartilhas, dos processos de formação e da prática docente na alfabetização.

As categorias acima mencionadas oportunizaram conhecer quais as cartilhas utilizadas nas escolas rurais e a sua relação com o processo de construção da leitura e escrita vivenciada por estas alfabetizadoras, durante suas infâncias e contato com a leitura e a escrita. Também, num sentido mais amplo, permitem a aproximação dos significados construídos em relação à profissão de professora alfabetizadora imersa em escolas rurais.

3. Memórias de alfabetizadoras sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização nas escolas rurais

Buscando instituir um novo sentido a essa realidade, estabeleceu-se um diálogo com os participantes da pesquisa no intuito de construir uma aproximação das suas histórias de vida. Nesse processo, as colaboradoras configuram-se como seres humanos convidados a recordar sobre suas lembranças de alfabetização, lembranças das cartilhas, dos processos de formação vivenciados e da prática docente na alfabetização.

Embasando-se nos estudos realizados pelo Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE), na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, pelo Centro de Documentação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), na Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais e pelo Projeto “Memória da Cartilha”, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pode-se observar a importância dos registros obtidos e sistematizados ao longo da existência destes Centros e o já referido projeto, principalmente para contribuir e construir a história da alfabetização, destacando-se os estudos sobre as cartilhas existentes ao longo da história.

A partir dos relatos autobiográficos sobre as lembranças da alfabetização e das cartilhas destacaram-se os seguintes relatos:

Muito acesso a livros, muita atividade em casa dada pela mãe. Já havia tido contato com livros antes, pois tenho mãe educadora, me lembro da bela decoração da sala de aula. Método abelhinha, utilizando silabação. (Prof^a. A - alfabetizadora)

As crianças ao chegarem na escola têm pouco ou nenhum conhecimento sobre a leitura e escrita. Trabalho com uma clientela com vulnerabilidade social. B+A= BA. Soletração. Através das famílias. (Prof^a. M - alfabetizadora)

Lembro muito pouco da 1^a série, só que a sala era repleta de cartazes, com figuras e com as sílabas iniciais de cada palavra. Aprendi pelo método silábico, hoje tenho consciência disso, mas não lembro nem da professora. A única série em que lembro das aulas e da professora foi na 3^a série, a professora, a todo momento, nos desafiava com um jogo, uma gincana, um concurso, envolvendo os conteúdos, o prêmio era um lanche gostoso do bar. Ela era a responsável pela cantina da escola. Lembro da alegria em que fiquei no dia em que consegui escrever o maior número de palavras com o m antes do p e do b e ganhei o jogo. (Prof^a. C - alfabetizadora).

Minha entrada na escola foi muito fascinante; havia um interesse enorme em aprender a ler e a escrever, participava dos exercícios de coordenação motora como um recurso de preparação para escrita, iniciando a alfabetização através dos sons das letras, como apenas um caderno, um lápis e uma borracha. Através dos sons das letras, com atividades cansativas e desinteressantes (Prof^a. G - alfabetizadora).

Eu aprendi com a cartilha "Caminho Suave" onde tinha que saber os textos de cor e de um dia para o outro tinha que saber escrever as palavras listadas daquela página. Quem não soubesse não teria receio no dia seguinte. Quando eu tirava notas baixas eu apanhava da mãe ou do pai. (Prof^a. D - alfabetizadora).

Com base nas entrevistas realizadas com seis professoras alfabetizadoras do município de Santa Maria pode-se constatar das lembranças escolares: doze respostas fizeram parte da análise da primeira categoria, onde constata-se que a maioria das lembranças escolares das alfabetizadoras foi positiva. (Prof^a. E - alfabetizadora).

Lembranças dos métodos: método abelhinha, utilizando silabação. Aprendi pelo método silábico. Soletração. B+ A= BA. Através das famílias repetíamos as famílias silábicas e as palavras. (Prof^a. De - alfabetizadora).

Eu aprendi com a cartilha "Caminho Suave" onde tinha que saber os textos de cor e de um dia para o outro tinha que saber escrever as palavras listadas daquela página. (Prof^a. G - alfabetizadora).

Nas narrativas das alfabetizadoras, elas se lembram dos métodos utilizados pelas professoras, uma contava com o auxílio da cartilha Caminho Suave. Para Frade (2007), não basta apenas ensinar a decifrar o sistema de escrita estabelecendo relações entre sons e letras. Também não é suficiente que os alunos leiam textos completos pertencentes a uma esfera escolar ou literária. É necessário que façam uso da escrita em situações sociais e que se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem.

Cabe lembrar que no final da década de 90, segundo Frade (2007), ocorreu alterações no que diz respeito à divulgação do conceito de letramento, esse que não somente das condições de saber ler e escrever, mas proporciona o cultivo das práticas sociais que fazem uso da escrita.

Notou-se a importância de conhecer o que cada professora lembra sobre si e o meio em

que participou em seu processo de alfabetização. Na pesquisa, buscou-se conhecer a história de vida das professoras, o que por vezes pode dar sentido as suas práticas. Também é uma maneira de valorizar as experiências, construções e vivências das alfabetizadoras, além de possibilitar a reflexão em sua atuação e planejamentos.

Percebeu-se nas boas lembranças a presença de brincadeiras, músicas, figuras, pátio, sala decorada com objetos de auxílio ao aprendizado das crianças e nas lembranças não muito boas o relato de atividades cansativas e desinteressantes. Segundo Antunes (2007), o professor tem necessidade de compreender as significações sociais construídas sobre a sua profissão e a sua própria história de vida. A aproximação dos significados construídos em relação à profissão de professor alfabetizador permite conhecer o que eles pensam sobre escola, ensinar, aprender, cotidiano escolar e educação, bem como sobre os fatores que interferem ou não na valorização da profissão, incluindo-se também seus sonhos, medos e desejos.

São inúmeras as lembranças que necessitam ser conhecidas para que se possa, realmente, compreender o universo de formação no qual os professores estão inseridos e o sentido que ser professor no qual os professores assume no decorrer da carreira docente.

Em relação à categoria processos de formação, destacaram-se os estudos realizados por Cunha (1989), Marcelo (1998), Nóvoa (1992), pois apresentam contribuições significativas para compreender como ocorre a formação do professor. A partir das contribuições das colaboradoras da pesquisa observaram-se os seguintes relatos autobiográficos:

Por gostar de alfabetizar. No início da carreira trabalhei com a quarta série. Após assumi a direção de uma escola por seis meses e não quis mais saber desta função. Fui até a secretaria de educação e pedi uma turma de alfabetização não sendo atendida no momento. Enquanto aguardava fui convidada por uma colega para desenvolver o trabalho em alfabetização. A partir daí nunca mais deixei de alfabetizar. Alfabetizo a 27 anos. A compensação é grande quando se vê que o aluno está lendo e que vale a pena alfabetizar. A paciência e o amor são fundamentais. (Prof^a. C - alfabetizadora).

Na verdade, eu me tornei alfabetizadora por acaso, pois surgiu a oportunidade de trabalhar na escola, como substituição de uma professora que entraria em licença gestante. Fiquei um mês acompanhando as suas aulas e me familiarizando com a turma e acabei me apaixonando pela série de alfabetização. (Prof^a. L - alfabetizadora).

Não, mas desde o momento que comecei a trabalhar com a alfabetização, sempre procurei ler sobre o assunto, assistir palestras e seminários e buscar atividades que estimulassem a construção feita pelas crianças. (Prof^a. Da - alfabetizadora).

A partir dos relatos coletados e analisados percebeu-se que as colaboradoras da pesquisa, afirmam não existir semelhanças entre a forma como foram alfabetizadas e a maneira como alfabetizam, embora algumas não se lembram como suas professoras alfabetizavam, também ressaltam que aprenderam a alfabetizar em sala de aula, pois não realizaram estágios na área de alfabetização e não relacionam a prática de alfabetização a nenhum conhecimento prático sobre a alfabetização adquirido nas aulas da Universidade. Apenas uma diz ter realizado estágio na 1^o série e outra diz ter aprendido também na Universidade.

É possível perceber que a maioria das professoras relata que não se sentia preparada para assumir a função de alfabetizar, porém aceitaram o desafio por ser uma oportunidade de emprego. Esse sentimento de despreparo das professoras alfabetizadoras está de acordo com suas formações acadêmicas, nos depoimentos não foi citado o ensino pela Universidade de questões básica para poder alfabetizar, como

reflexões sobre formas de intervenções, métodos e suas especificidades, ou seja, não foi possível por em prática seus aprendizados teórico no momento em que precisaram alfabetizar, a solução encontrada foi buscar em livros, com outras professoras e na prática com os alunos.

Partindo das considerações acima, destacou-se a necessidade de aprofundar ainda mais esta investigação, no sentido de compreender ainda mais os processos formativos vivenciados por estas colaboradoras a partir dos estudos desenvolvidos por Nóvoa (1992).

A categoria prática docente na alfabetização foi construída a partir das narrativas das colaboradoras da pesquisa com o intuito delas sistematizarem suas experiências atuais sobre o processo de alfabetização vivenciado por elas com seus alunos, utilizando as cartilhas para a alfabetização. Neste sentido, os estudos propostos por Mortatti (2000) apontam para o fato de que muitas cartilhas foram produzidas por professores paulistas e que elas podem ser encontradas nas escolas municipais do interior do Rio Grande do Sul, conforme os estudos de Peres; Tambara (2003), Trindade (2004) e Frade; Maciel (2006).

Os estudos já referidos enfatizam a necessidade de se conhecer um pouco mais sobre a história da alfabetização a partir dos estudos sobre as cartilhas. No caso desta pesquisa, foi possível conhecer as que utilizadas nas escolas municipais rurais do interior do Rio Grande do Sul. Desta forma, quanto às cartilhas utilizadas, encontramos nas respostas um número de 10 professoras, entre as 13 entrevistadas, que utilizam ou utilizaram cartilhas como recurso para alfabetização. Uma professora não trabalha mais com alfabetização, uma diz que não utilizou, e outra não soube responder. As cartilhas citadas por elas foram Caminho Suave, Cartilha Quero-Quero (elaborada especificamente para a zona rural de Santa Maria), Cartilha João-de-Barro, Coleção Marcha criança, Porta Aberta, Pipoca, Método Lúdico de Alfabetização, Toca do Tatu, Alegria do Saber.

Urge a necessidade de continuar e aprofundar este estudo, pois a força das experiências vivenciadas durante anos de escolarização por estas alfabetizadoras nas escolas rurais passa ainda despercebida, na maioria das vezes, nos cursos de formação de professores, nas esferas do poder instituído. Contudo, as lembranças, as imagens e as atitudes que as professores efetivaram ao longo da escolarização são pontos que devem ser levados em conta quando se propõem os cursos de formação inicial e continuada para professores alfabetizadores.

Questões como estas devem ser feitas e refletidas: É possível ainda alfabetizar com cartilhas nas escolas rurais que utilizam o método misto? Cartilhas com o método fônico, alfabético e/ou silábico atendem às exigências das escolas do campo no interior do Rio Grande do Sul? Por que alfabetizadores, como algumas identificadas nesta pesquisa, mesmo tendo curso de especialização em alfabetização, utilizam as cartilhas para alfabetizar? E como estes educadores utilizam as cartilhas? São algumas das questões que se levantam com o intuito de se poder pensar sobre a situação da alfabetização neste país, principalmente pela urgência da sociedade começar a cobrar uma política mais coerente, mais recursos e ações concretas para atender às demandas do ensino rural, conforme as inquietações de Caldart (2000), Amiguiño (2008) e Canário (2008).

Uma primeira percepção do trabalho desenvolvido junto aos professores alfabetizadores das escolas rurais destaca que, quando as alfabetizadoras sentem a necessidade de fazer pedidos de cartilhas ao Ministério da Educação, quando estas são remetidas, após várias solicitações, já estão ultrapassados ou não atendem às exigências da realidade na qual estão imersas. Mas elaboram-se as seguintes questões: Por que este apego às cartilhas?

Que formação receberam que torna as alfabetizadoras tão atreladas as cartilhas? É possível trabalhar a partir do contexto sócio-cultural das crianças utilizando a cartilha para alfabetizar?

Garcia (2008) aponta elementos importantes para esta análise no sentido de alertar para a inexistência de uma formação articulada e coerente entre a teoria e prática, os descasos dos poderes instituídos e a inércia da sociedade brasileira frente à escola básica. Esses elementos podem ser percebidos quando se lança o olhar para os estudos de Frade; Maciel (2006) quanto à História da Alfabetização, em relação à produção e circulação de livros entre Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

É possível também, na análise das informações coletadas através das entrevistas e relatos autobiográficos, notar a influência das lembranças da forma como estas professoras foram alfabetizadas na maneira como elas ensinam. Desse modo, a escrita e o espaço de reflexão das autobiografias profissionais viabilizaram aos sujeitos refletir sobre suas trajetórias pessoais e profissionais do passado através das experiências construídas no momento atual.

REFERÊNCIAS

AMIGUINHO, Abílio. Escola em meio rural: uma escola portadora de futuro? In: **Revista do Centro de Educação. Dossiê: Educação no campo**.v.33.n.01,2008. p. 13-34.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. 4ª ed. Porto: Porto, 1994.

CANÁRIO. Rui. Escola Rural: de objecto social a objecto de estudo. In: **Revista do Centro de Educação. Dossiê: Educação no Campo**. v.33, n.01, 2008, p.35-46.

CALDART, Roseli Salette. **A escola do campo em movimento**. Porto Alegre: 2000.

CATANI, Denice Barbara. Práticas de formação e ofício docente. In: BUENO, Belmira Oliveira; CATANI, Denice Bárbara; SOUZA, Cyntia Pereira de (Org.). **A vida e o ofício dos professores:** formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998. p. 21-29.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 9ª ed. São Paulo: Papirus, 1999.

DESLANDES, Sueli Ferreira. **Pesquisa Social:** Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Izabel Pereira. (Org.) **História da Alfabetização:** produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de Alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. In: **Revista do Centro de Educação. Dossiê: Alfabetização e Letramento**. v.32, n.01, 2007, p.21-40.

GARCIA, Regina Leite. Mais uma vez alfabetização. In: TRAVERSINI, Clarice [et al.]. (Org.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992. p.79-110.

MARCELO, Carlos. Pesquisa sobre formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Nº 9, set/out/nov/dez, 1998. p. 51-75.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da Alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Cartilhas de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular**. Campinas: Cadernos Cedes, Ano XX, nº 52, 2000^a

_____. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. In: Conferência promovida no Seminário de Alfabetização e Letramento em Debate. Brasília, 2006.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In:____ (Org.). **Os professores e a profissão**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p.15-33.

PERES, Eliane. (Org.). **Memórias de Alfabetização**. Pelotas: Seiva, 2007.

PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar. (Orgs.). **Livros Escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (Séculos XIX e XX)**. Pelotas: Seiva,2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRINDADE, I. M. F. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser natural, nacional e mestra**. Queres ler? Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2004.